

*A decolonial perspective on marabaixo:
religiosity, culture and citizenship*

Nelson Mateus Machado dos Santos*

nelsonmateus23@hotmail.com

Marcos Vinicius de Freitas Reis**

marcosvinicius5@yahoo.com.br

David Junior de Souza Silva***

davi_rosendo@live.com

Resumo:

O Marabaixo é uma manifestação cultural afrodiaspórica praticada pelas comunidades negras do estado do Amapá. Tal expressão cultural é composta pela dança, música, percussão e orações. As rodas de marabaixo normalmente ocorrem nas festas de santos das comunidades negras amapaenses, dando destaque à cultura negra e ao catolicismo popular local. O presente artigo tem por objetivo analisar as dificuldades encontradas pelos marabaixeiros para efetivar na esfera pública direitos culturais específicos e acesso a políticas públicas. A metodologia adotada foi realização de entrevistas semiestruturadas com as principais lideranças do Marabaixo. Optamos pelas questões teóricas e metodológicas da teoria decolonial e afrodiaspórica para pensar a relação do Marabaixo com a esfera pública e Estado no contexto local amapaense.

Palavras-chave:

Religião e Política; Marabaixo e Cultura; Cidadania Políticas Públicas.

Abstract:

Marabaixo is a cultural manifestation of African origin widely practiced in the state of Amapá. Such cultural expression is made up of dance, music, percussion and prayers. The marabaixo circles usually take place at the festivals of saints in black communities in Amapá, highlighting local popular Catholicism and black culture. This article aims to analyze the difficulties encountered by marabaixeiros to achieve with the government the expansion of public policies. The methodology adopted was semi-structured interviews with the main leaders of the Marabaixo. We opted for the theoretical and methodological issues of decolonial theory to think about the relationship between Marabaixo and the political authorities of the state of Amapá.

Keywords:

Religion and Politics; Marababaixo and Culture; Citizenship and Public Policies.

* Graduando de Licenciatura em Sociologia pela Universidade Federal do Amapá – UNIFAP.

** Doutor em Sociologia, professor da Universidade Federal do Amapá – UNIFAP.

*** Doutor em Geografia, professor da Universidade Federal do Amapá – UNIFAP.

Introdução

O Marabaixo é uma manifestação cultural afroreligiosa que acontece no estado do Amapá. Envolve músicas, danças, religiosidade, comidas e bebidas típicas. A presença do marabaixo no estado se localiza com mais força na cidade de Macapá - nos bairros do Laguinho e Santa Rita (antiga Favela) -, no Quilombo do Curiaú, que fica a 7 km do centro da cidade, e na cidade vizinha de Mazagão Velho.

O Marabaixo adentrou no Amapá com a chegada dos negros para a região durante a segunda metade do século XVIII, para a construção da Fortaleza de São José de Macapá e povoar a cidade de Nova Mazagão. O ponto alto das celebrações é o chamado Ciclo do Marabaixo, que acontece entre o Domingo de Páscoa e o Domingo da Santíssima Trindade, e a principal política pública voltada para o marabaixo é a de financiamento público da realização do evento do Ciclo.

O Marabaixo envolve cultura, memória e ancestralidade negra no Amapá. Faz parte da identidade e religiosidade negra no estado, e sua realização diz respeito à expressão de direitos culturais e religiosos. Deste modo, há a demanda das comunidades negras e associações marabaixeiros de institucionalização de políticas públicas pelo Estado para garantia de condições para realização do ciclo.

O objetivo do presente artigo é entender e analisar a relação dos marabaixeiros com as políticas públicas: como essas políticas são construídas, como se dá o seu desenvolvimento e compreender como é feita a negociação entre os marabaixeiros e o poder público para a institucionalização destas políticas públicas.

Ainda existem muitas dificuldades para a ampliação de políticas públicas voltadas para o marabaixo. Um dos fatores que dificulta a obtenção dessas políticas é a individualidade das casas de marabaixo, tendo como suas principais as barracões da Tia Biló, do Pavão, da Tia Gestrudes e da Dica Congó, todos na cidade de Macapá – sem uma unificação coletiva. Essa atomização gera uma relação particular de cada barracão com o poder público.

A metodologia utilizada foi entrevistas semiestruturadas com as principais lideranças do movimento marabaixeiros: Laura do Marabaixo, que faz parte da Associação Cultural Raimundo Ladislau, Fábio Sacaca pertence ao grupo devotos de São José, Joaquim Ramos do Barracão da Tia Biló, Daniela Ramos, que faz parte da Associação Cultural do Marabaixo do Laguinho, Aluísio Carvalho, que é ligado ao Marabaixo da Favela e a deputada estadual Cristina Almeida, que tem vínculos com o bairro do Laguinho.

Uma vez que o marabaixo é uma manifestação negra e por conta disso sofre um racismo institucional, junto a uma invisibilidade, um silenciamento e uma relação com características de colonialidade. Para isso, recorreu-se à teoria decolonial, com o fim de dar voz a esses atores subalternizados. Foram utilizadas referências como Stuart Hall, Gayatri Spivak, Edward Said, Homi Bhabha e Frantz Fanon, conseguindo, então, entender através dos subalternos.

Foi utilizada uma literatura para a compreensão do marabaixo enquanto sua questão histórica, sua forma de organização, sua ritualística, sua religiosidade, a interação entre as casas e sua relação com a Igreja Católica. As referências utilizados foram Sheila Aciolly, Sandro Sales, Mônica do Nascimento, Raquel

Alvarenga, José Maria Silva, Alisson Antero e Marcos Freitas, proporcionando uma compreensão teórica sobre o marabaixo.

Compreendemos que o marabaixo é uma festa religiosa, que tem como suas principais representações o divino Espírito Santo e a Santíssima Trindade, enquadrando-se, assim, dentro do catolicismo popular. Destarte, utilizamos referências como Heraldo Maués, Vanda Pantoja, Eduardo Galvão e Agenor Sarraf, para entender o catolicismo popular, que é muito forte na Região Amazônica.

A história do marabaixo se entrelaça com a história da cidade de Macapá e do Amapá, estado formado por 70% população negra. Para compreender a história da população negra associada à história da cidade de Macapá, foram utilizados autores como Moisés dos Prazeres, Piedade Videira, Alexsara Maciel, Mariana Gonçalves, Alci Jackson, Verônica Xavier e Sidney Lobato.

Segundo o dossiê de registro feito pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), o marabaixo é constituído por várias práticas fundamentais próprias, como a dança, o canto, alimentação e religiosidade, tendo como seu momento máximo o chamado Ciclo do Marabaixo, sendo organizado pelas quatro grandes casas de marabaixo da cidade que são: o Barracão da Tia Biló, o Barracão do Pavão, o Barracão da Dona Gestrudes e o Barracão Dica Congó.

O Pensamento Decolonial e a Questão Negra na Amazônia Amapaense

O local, a que o artigo se refere, é o estado do Amapá. O Amapá fica localizado no extremo norte do Brasil, entre o platô das Guianas, fazendo fronteira com a Guiana Francesa, sendo o único estado da federação que não tem ligação terrestre com o restante do país. A única forma de acesso é por meio hidroviário ou aéreo. O estado foi criado em 1988 com a Constituição Federal e sua economia gira em torno do funcionalismo público.

Segundo a estimativa de 2018 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Amapá possui 829.424 habitantes, sendo 76% negros ou pardos. A maior parte da população está na capital Macapá, cidade banhada pelo rio Amazonas. É a única capital brasileira cortada pela linha do Equador. A cultura negra é a que possui maior influência, como o hip-hop, o carnaval, capoeira e com destaque e maior símbolo, o Marabaixo.

Até o ano de 1943, a região de Amapá pertencia ao estado do Pará. Porém neste ano, por decreto presidencial de Getúlio Vargas, foi criado o Território Federal do Amapá, que permaneceu até 1988, com a criação do estado do Amapá. A influência cultural negra no Amapá se dá por conta da chegada dos negros na região para a construção da Fortaleza de São José no século XVIII.

A questão negra no Amapá é marcada por alguns aspectos, um deles são as áreas ocupadas pelos negros, como bairros, quilombos e cidades. O bairro do Laguinho e da Favela são conhecidos como bairros negros (CUNHA, 2019). Isso se dá por conta da realocação dos negros que viviam em frente à cidade para

esses bairros mais periféricos, em uma das primeiras demandas do então Território Federal do Amapá. Uma das grandes questões negras no estado é o quilombo, tendo como o principal e maior, o Quilombo do Curiaú. A cidade de Mazagão, que fica cerca de uma hora da capital, foi criada a partir da vinda dos negros de Marrocos, na África, para o local, por isso a questão negra é muito forte na região.

Percebe-se que essa cultura negra na Amazônia é caracterizada pelos afroindígenas. Segundo Sarraf, o afroindígena é a mescla das culturas e tradições negras com as indígenas, essa característica é muito comum na região amazônica por ela ser uma grande zona de contato, ou seja, o encontro de culturas (Sarraf, 2012). Podemos perceber essa característica na pajelança, no conhecimento dos negros sobre as ervas e a floresta. O marabaixo engloba todas essas características, pois se tem na sua ritualística a utilização de ervas, o respeito pelos seres da floresta e dos rios.

Outra característica muito forte da cultura negra no Amapá são as festas populares. Segundo Ferret, as festas populares são das populações que são subalternizadas, ou seja, população que são inferiorizadas por outras populações (Ferret, 1995), além dessa característica, as festas populares negras nascem de dentro da comunidade, muitas vezes sendo feitas por famílias. Galvão, em seu texto “santos e visagem”, diz que as festas populares nascem a partir de uma promessa feita a um santo, e a família agraciada com o atendimento daquele santo lhe oferece a festa, tendo nela novenas, ladainhas, levantamento do mastro e festa social ou profana.

Na cultura negra amapaense existem algumas festas nesse formato, como a de São Jorge, no bairro do Laguinho, a de São Sebastião, no Curiaú e a de São Tiago, em Mazagão. Dentro dessas festas populares ocorre uma característica muito presente na cultura afroindígena, o catolicismo popular. Galvão define catolicismo popular como “embora não faça parte do corpo formal da crença católica, são observados e devem ser encarados como parte da religião do povo porque exprimem atitudes com o sobrenatural”. Galvão está definindo o catolicismo popular como uma parte não oficial da igreja, e não está subordinado a sua hierarquia.

Outro autor que nos ajuda a entender o catolicismo popular na Amazônia é Heraldo Maués, segundo ele, esse tipo de religiosidade tem como característica a devoção aos santos (Maués, 2005). O marabaixo atribui todas essas características, pois é uma festa popular feita pelos subalternos e que tem o catolicismo popular com uma grande devoção aos santos como os festejos à Santíssima Trindade e ao Divino Espírito Santo.

Do ponto de vista da religiosidade popular, tem-se uma pluralidade de expressões identitárias. No Amapá existem diversas formas de expressões religiosas negras. Segundo Hall, a identidade cultural é formada a partir do contato com o outro, isso deixa a identidade cultural de uma forma dinâmica (Hall, 1992). Isso nos faz entender as várias identidades culturais negras no Amapá. A partir do momento que o negro vai tendo contato com o outro, , vai moldando a sua identidade, logo, o marabaixo é formado a partir do contato com o outro.

Todavia, por conta do racismo em geral e do racismo religioso especificamente, as religiosidades negras, como o Marabaixo, são vistas como exóticas, são depreciadas e silenciadas. Pode-ser dizer que há uma

relação de poder eurocêntrica que impõe uma conformação hierárquica entre um Eu e um Outro (SILVA, 2002), tendo nessa relação um Eu eurocentrado que trabalha para se impor como religiosidade e cultura hegemônica. Este Eu nessa relação de poder tem características bem específicas, como sendo de origem europeia, branca, cristã e patriarcal.

Nessa relação entre o Eu e o Outro, o Outro é deslegitimado e depreciado. O Marabaixo no Amapá é estigmatizado é inferiorizado pelas outras classes, principalmente pela igreja católica, que já causou muitos conflitos.

Fernando Canto (1998) traz um relato que ocorreu ainda na primeira metade do século XX, onde o padre da época da igreja São José não deixou os marabaixeiros adentrarem na igreja, pois fazia parte da ritualística do marabaixo que festejava o Divino Espírito Santo a entrada na igreja, já que a coroa do divino dormia dentro dela para ser pega no outro dia, porém o padre quebrou a coroa e a entregou aos negros dizendo que a água benta não se mistura com o diabo, mostrando como o marabaixo é estigmatizado.

O Marabaixo, por ser uma manifestação totalmente negra, sofre racismo. Passou por isso durante toda a sua história e permanece até hoje. Os barracões de marabaixo sempre foram vistos com inferioridade pela sociedade e até mesmo pelo estado. Já aconteceu vários casos de racismo, como a paralisação da festa pela polícia, a proibição dos marabaixeiros de adentrarem na igreja, que faz parte da programação e muitos outros.

Onde podemos observar de uma forma mais específica é na questão religiosa. O marabaixo, apesar de ser uma manifestação cultural negra, sua religiosidade é católica apostólica romana, uma religião de predominância branca. O marabaixo não tem uma ligação com as religiões de matriz africana, religiões cuja predominância é negra. Essa absorção de uma religião branca por uma manifestação negra é um mecanismo para que a mesma tenha uma aceitação e não sofrer tanto racismo e outros preconceitos.

Segundo Said, o Estado enxerga os inferiorizados como sem capacidade para se promover cultural e politicamente (Said, 1978). Isso acontece no marabaixo quando o estado começa a financiar o marabaixo. Porém isso ocorre dentro dos moldes do estado, fazendo com que o Marabaixo vá perdendo representatividade.

Por conta dessa tomada do Estado, o marabaixo torna-se um subalterno. Spivak diz que o subalterno é aquele povo, sociedade, grupo ou classe que sofre um processo de colonização e assim passou por um apagamento e um silenciamento onde se tem voz, porém não se é ouvido (Spivak, 1985). O marabaixo, por ser negro já é, por si só, um subalterno, posto que o Estado, de uma forma colonizadora, silencia o marabaixo e faz com que ele se realize segundo seus critérios.

Verônica Xavier (2009) diz em seu texto como ocorreu a chegada dos negros na região no extremo norte do Brasil, onde atualmente é o Amapá. Em meados do século XVIII, no ano de 1752, foi criado o vilarejo de Macapá. Isso ocorreu durante o Período Pombalino, no projeto de povoar essa região, até então da colônia portuguesa, pois ocorria frequentemente tentativas de invasão de ingleses, holandeses e espanhóis.

Trouxeram para o local famílias portuguesas que viviam em colônias de Portugal, como a ilha de Açores e a ilha da Madeira. Junto a eles, levaram alguns escravos negros que trabalhavam na agricultura.

Porém foi só na década de 60 do século XVIII, com a construção da Fortaleza de São José, que teve um grande fluxo de negros. A Fortaleza de São José teve na sua construção mão de obra indígena e escrava, tendo negros que vieram de Recife, Salvador, Rio de Janeiro e também negros que vieram diretamente de Marrocos na África. Como consequência, isso trouxe sua cultura para o local, como o marabaixo. Com a invasão dos árabes em Marrocos, os portugueses retiraram os negros e mandaram à colônia para trabalharem na Fortaleza de São José e povoarem a Nova Mazagão.

Os negros, ao chegar na região com a sua cultura, tiveram contato com outros povos, como os indígenas e os brancos. Segundo Sarraf, a Amazônia é uma grande zona de contato e o marabaixo surge a partir desse contato. Mediante isso, conseguimos identificar no marabaixo elementos indígenas, negros e brancos, com uma musicalidade e dança negra, conhecimento indígena sobre as ervas e a religiosidade branca.

Xavier continua em seu texto dizendo que depois da chegada dos negros e do contato com os outros povos, houve uma estabilização do marabaixo: sofria racismo, porém sem nenhum conflito direto com algumas instituições, como o Estado ou a Igreja. Isso ocorreu durante todo o século XIX. No começo do século XX, o marabaixo começou a ter conflitos: em 1913 chega a Macapá o padre Júlio, um belga com formação francesa. Padre Júlio não deixava os negros marabaixeiros adentrarem na igreja, relato que já foi citado.

Padre Júlio deixa a cidade em 1923, cessando, deste modo, os conflitos entre a igreja e os marabaixeiros, propiciando um período de estabilidade. Todavia, em 1943, foi criado o Território Federal do Amapá, como já foi mencionado. Segundo Lobato, o primeiro governador do novo território foi Janary Nunes, com o intuito de desenvolver a capital Macapá, tendo como projeto político a urbanização da cidade.

Lobato (2013) diz em seu texto que uma das primeiras intervenções para o progresso e a urbanização da cidade era retirar os negros que viviam em frente à cidade. Em negociação com o líder dos negros que se chamava Júlio Ramos, o governador Janary Nunes retirou-os da frente da cidade, fazendo, assim, uma higienização social e realocando os negros em regiões mais periféricas da cidade, surgindo, então, os bairros da Favela e Laguinho.

A partir de todos esses conflitos tanto com a Igreja quanto com o Estado, percebe-se a subalternização do marabaixo, a forma que foi colonizado e silenciado. Nos dias de hoje, Marabaixo ainda apresenta conflitos. No ano de 2018, o padre da igreja de Jesus de Nazaré não autorizou que os marabaixeiros entrassem na igreja. Outros conflitos que surgem com frequência durante o marabaixo é a questão das legislações, como a proibição da solta de fogos e a proibição do amanhecer da festa.

Marabaixo: Ritualística e Características

Lima (2011) explica que o ciclo festeja duas divindades, o Divino Espírito Santo e a Santíssima Trindade. Tem início no Sábado de Aleluia, que é um dia antes do Domingo de Páscoa, o dia onde se corta o mastro que vai ser utilizado durante todo o ciclo. Nesse dia, os grupos das casas se reúnem no Quilombo do

Curiaú e adentram a mata com a permissão dos seres da floresta para retirar os mastros. Cada barracão retira o seu:

Alguns anos pra chegar até hoje é que houve um pouco a mudança do corte do mastro e a gente vai fazer esse corte do mastro no sábado, mas ele era mesmo tradicional. O corte do mastro era no domingo mesmo, hoje a gente já vai pras matas do Curiaú, passar um dia de sábado todo lá, cortar o mastro, entrar na mata, cortar e a dona de um restaurante que tem lá, dona Orlandina, ela como a família dela daqui do Curiaú já participou muito, hoje ela não se envolve muito pra dançar, mas ela gosta, então ela promove um caldão lá no sábado do mastro e vai os quatro grupos, vai muita gente e ela dá aquele caldo, faz o caldo e serve pra gente lá. Então a gente sai da mata, vai lá pro restaurante dela e fica fazendo o marabaixo o dia inteiro, uma hora dessa a gente tá vindo embora de lá, cada um pros seus barracões, levando seus mastros que a gente corta lá. (Entrevista cedida em 5 de abril de 2021 com Joaquim Ramos).

Depois de retirado o mastro, cada grupo segue para o seu barracão e a programação até a quarta-feira seguinte, que é chamada de quarta-feira da murta, um dos pontos altos do ciclo. Essa programação específica do ciclo se inicia na quarta-feira à noite e segue durante toda a madrugada, com muito marabaixo, gengibirra e caldo para fortalecer. Pelo período da manhã, já na quinta-feira, enfeita-se o mastro com a folha da murta e logo em seguida, é levantando em frente à casa do festeiro.

A folha da murta é retirada nas matas que ficam próximas dos barracões e saem em procissão carregando bandeiras e estandartes do Divino Espírito Santo e Santíssima Trindade, com a presença de pistolas e rojões durante o trajeto, juntamente com o marabaixo de rua, uma tipologia mais acelerada. A folha da murta simboliza a lavagem espiritual. O calendário do ciclo segue com as novenas e o marabaixo até no Domingo da Santíssima Trindade, que é o domingo anterior ao dia de *Corpus Christi*, fazendo, assim, a derrubada do mastro e o encerramento da festa.

Uma característica muito importante e que faz parte da ritualística do marabaixo são seus trajes, os trajes utilizados pelos marabaixeiros têm uma simbologia:

A parte estética do traje típico é simples e bem composta, sendo saia rodada de pala com estampas coloridas com motivos florais de cor, tons e comprimentos variados, anágua, blusa na cor branca e diversos tons com folho adornado com bordado inglês ou rendas de cores variadas, sandália baixa, colares, pulseiras e argolas, flores no cabelo e toalha sobre o ombro. Além da beleza singular de cada dançadeira no momento do bailado da dança que é mostrado também quando o cortejo afrodescendente denominado de 'Marabaixo de Rua' sai percorrendo as ruas e avenidas do bairro para saudar o santo padroeiro (VIDEIRA, 2008).

As roupas são sempre vibrantes e alegres, juntamente com o balançar das saias. Simboliza o sentimento que se passa dentro do povo marabaixeiro.

A dança do marabaixo é de uma forma cadenciada, onde seus passos são curtos e lentos. Os passos curtos são para simbolizar o período da escravidão, onde seus ancestrais tinham seus pés presos por correntes, esse é o marabaixo mais melancólico. O marabaixo mais acelerado é simbolizando as conquistas tidas pelo povo negro, Piedade Videira mostra bem esses movimentos.

Na Dança do Marabaixo os movimentos das partes superiores do corpo, cabeça, braço e ombro são simples, assim como os das partes inferiores, quadril, pernas e pés. As mulheres dançam segurando a saia comprida e rodada num bailado cadenciado que envolve deslocamentos laterais, gingas corporais

para frente e para trás e giros em todas as direções seguidos dos braços. Os quadris são requebrados e empurrados para frente, trás e ambos os lados. Dependendo da melodia da cantiga, se for lenta e triste, e/ou ritmada as dançadeiras tradicionais dançam marcando em um/dois o tempo e o compasso da música. (Videira, 2008).

Os ladrões de marabaixo são a música cantada durante a festa. Nos versos dos ladrões, são entoadas, muitas vezes, cantigas em tom de protestos em relação ao poder público; outras vezes, são ladrões de lamentações, onde se canta a escravidão que seus antepassados viveram, e também se canta as conquistas que o povo negro conseguiu. Com isso, os ladrões se tornam a voz do povo negro:

Os versos dos ladrões de Marabaixo passam a adquirir na comunidade o papel de intensificadores de vozes recebidas. Sua condição performática comunitária está ligada à condição da convivência, à identidade, à mentalidade e à memória coletiva, lugares onde as experiências são mediadas linguisticamente, o que confere ao Marabaixo participação decisiva na constituição identitária do protagonismo afro-amapaense na história do estado do Amapá e, em grande medida, na Amazônia. (FREITAS, MACIEL, PEREIRA, 2021).

A bebida e a comida são características muito fortes no marabaixo: a bebida preparada é chamada de gengibirra, uma mistura de gengibre, açúcar e cachaça; a comida é o caldo, feito de carne bovina, verduras e legumes.

O marabaixo, religiosamente, é enquadrado dentro do catolicismo popular, por ter suas devoções com os santos, ter uma relação com os seres da floresta e dos rios, e por não ser vinculado ao catolicismo institucional, ou seja, não subordinado às normas da igreja católica. “O catolicismo popular apresenta, assim, um componente lúdico que lhe é inseparável e que, a despeito das tensões que provoca na sua manifestação, permanece sempre presente” (Maués, 2011), ou seja, no marabaixo, o sagrado e profano são inseparáveis, as ladainhas, novenas e missas fazem parte da mesma ritualística da dança, da música e da bebida.

Políticas Públicas para o marabaixo

Ainda há poucas políticas públicas voltadas para o marabaixo. Diante disso, é visível que o movimento marabaixeiro não é uma prioridade do Estado, pois a fomentação de políticas voltadas para essa área é muito baixa. Dentre essas poucas políticas públicas, a principal é o financiamento do ciclo do marabaixo. Outra que, apesar de bem modesta, abrange o marabaixo, é a educação. Mas há também outras políticas públicas voltadas para o marabaixo: os feriados, como o dia do marabaixo propriamente dito e o dia da Consciência Negra. Ainda dentro da questão cultural, há o encontro dos tambores, onde se reúnem vários grupos e casas de marabaixo durante a semana da Consciência Negra. Essas são as principais políticas públicas voltadas para o marabaixo.

Como foi citado acima, uma das principais políticas públicas é o ciclo do marabaixo, e sendo a principal política, teve a intervenção do Estado ainda na década de 90, com o governo de João Alberto Capiberibe.

Entrevistador: - Laura, quando iniciou a entrada do poder público no ciclo do marabaixo como política pública?

Laura do Marabaixo: - Olha, ele se deu no governo PSB, no primeiro governo PSB, que isso é muito importante ressaltar, nós não podemos deixar de ressaltar isso. Inclusive é quando surge os intercâmbios culturais com a Guiana Francesa e esse olhar não foi feito somente pro marabaixo, foi feito para a cultura em geral, artes plásticas, movimento do marabaixo, do batuque, e surge esse intercâmbio, essa valorização com as artes cênicas e com todo o segmento cultural e graças a esse olhar do governo PDSA, que foi o governo de João Alberto Capiberibe, nós conseguimos ter esse olhar de um governo que mais investiu em cultura. (Entrevista cedida em 28 de março de 2021, com Laura do marabaixo).

O Estado até começa a financiar o ciclo, mas quando este fica muito grande, são os próprios marabaixeiros que têm de custear a festa, mesmo com limitações financeiras:

O marabaixo sempre segue a linha dessa pampa, ajudado pelos amigos, pelos próprios marabaixeiros, o ciclo do marabaixo acontecia com a ajuda dessas pessoas. Um vinha e dava 1kg de gengibre, o outro vinha e dava duas caixas de cachaça, outro vinha e dava 1kg de carne, legumes e juntava tudo; a gente conseguia fazer um festejo maravilhoso, aí surge essa ideia de fomentar o ciclo de um governo que entende a necessidade disso tudo, porém, vem vindo governos que não tão nem aí, muito pelo contrário, ainda acha tudo isso, mas mal eles sabem que quando a gente faz algo com gosto, com carinho, com responsabilidade, se gasta muito. Na casa da minha avó, pelo menos a gente tenta resolver tudo nos mínimos detalhes, o ultimo recurso que eu recebi foi 15 mil e nós gastamos o dobro, porque até hoje eu tô pagando dividas, mas é algo que a gente tem responsabilidade, a gente tem amor, os nossos ancestrais no leito de morte pedem pra gente não deixar essa cultura morrer, então, independentemente do governo ajudar ou não, nós vamos fazer. É importante esse fomento? Muito. Mas também se eles deixarem, por algum motivo decidirem não dar mais, o marabaixo segue. (Entrevista cedida em 28 de março de 2021, com Laura do marabaixo).

O ciclo é financiado até os dias de hoje, sendo de fundamental importância a participação do governo, pois dificilmente, sem o custeio do Estado, os marabaixeiros teriam muitas dificuldades para promover o ciclo, e tudo isso se dá através de articulações políticas entre as lideranças dos barracões e o poder público.

Geralmente, final de novembro começa as movimentações entre os festeiros dos barracões, geralmente dos presidentes das associações e começam a preparar projetos e começam as reuniões pra ver investimentos pra ajudar no ciclo do marabaixo, as vezes o negócio aperta e a briga é grande pra que o governo do estado e a prefeitura ajude na festividade do ciclo do marabaixo então tem muito diálogo, muita conversa antes pra acontecer a situação e depois também, porque tem aquelas jogadas políticas que a gente conhece, então sempre há esse diálogo dos 5 barracões dos que vão realizar o ciclo, que as vezes nem todos realizam, questão de luto e outras situações aí, mas sempre há esse diálogo forte, aí sempre se busca apoio também dos deputados tanto estadual quanto federal, dos senadores e dos vereadores da cidade, então as reuniões são feitas pra negociar esses valores, pontuar esse fomento. (Entrevista com Fabio Sacaca).

Uma política pública que existe, apesar de ser bem carente, é a de educação. O marabaixo está envolvido na questão educacional sem muitos investimentos, tendo seu protagonismo na forma de oficinas ou projetos que acontecem nas escolas, sem ainda ser colocados nos planos pedagógicos para serem discutidos em sala de aula.

A questão da lei 10.639 é que ela precisa realmente ser efetivada e se adaptar à nossa realidade para que o marabaixo realmente esteja presente no dia a dia da formação das nossas crianças, dos nossos adolescentes pra que realmente eles compreendam o que que realmente isso representa. Hoje eu faço uma avaliação de que tá muito distante da gente fazer com que o marabaixo tenha não o reconhecimento do papel como nós temos hoje, pois o marabaixo se tornou patrimônio imaterial do Brasil; mas que na prática, ele chegue ao patamar do carimbó aqui no nosso lado vizinho que ele virou potencial econômico, social, turístico do lugar, então a gente precisa, aproveitando e pedindo esse apoio, a gente precisa olhar isso “quais são os entraves? O que a gente precisa pra mudar?” A meu ver, é a educação, essa educação formal que precisa estar presente pra tocar o coração das pessoas e as pessoas se sentirem fazendo parte desse contexto e não achar que esse marabaixo é coisa daquelas pessoas que estão ali naquele momento. (Entrevista com a deputada Cristina Almeida).

Uma vitória importante para o marabaixo, foi a criação do Dia Estadual do Marabaixo, que é comemorado no dia 16 de junho, uma exitosa política pública de valorização do marabaixo. Há uma política pública que afeta toda a população marabaixeira: o encontro dos tambores, que ocorre durante a semana da Consciência Negra, no mês de novembro, onde vários grupos de marabaixo de várias localidades se reúnem no centro de cultura negra. Todo o encontro é financiado pelo poder público. Entretanto ainda é preciso muitas políticas públicas para o marabaixo ser mais consistente.

Tendo em vista que se tem uma grande deficiência de políticas públicas voltadas para o marabaixo, que se dá, por um lado, pelo fato de o Estado ser o promotor dessas políticas, por outro, também é o colonizador, fazendo com que o movimento marabaixeiro seja subalterno. No entanto, há outros fatores inseridos dentro do próprio movimento, o que dificulta a criação de políticas voltadas para todo o marabaixo e a questão negra.

Um dos principais fatores internos que dificulta a criação de mais políticas públicas voltadas para o marabaixo é a individualidade dos barracões. Podemos perceber essa individualidade na estrutura de cada um. Existem barracões que têm uma estrutura melhor que outros, assim como diz Fabio Sacaca:

Então hoje a gente vê que uma estrutura que tem boa é na Tia Biló, o barracão do mestre Pavão, lá na Tia Gertrudes e lá no Azebic, que tem o barracão estruturado lá o salão, atrás tem a cozinha pra servir o jantar pro pessoal ou café da manhã, o altar pra rezar ladainha, o pessoal ir rezar também e o da Dica Congó é na casa dela né? Então quando tem o ciclo, eles armam uma estrutura lá pra fazer, porque antigamente era assim: quando o festeiro tinha a festa pra fazer, ele arcava com tudo, ele levava pra casa dele a festa e lá estruturava, montava o barracão, salão grande e aí organizava a casa dele pra montar o festejo (entrevista cedida por Fabio Sacaca).

Podemos notar que existem cinco barracões bem estruturados na cidade, o que mostra a individualidade das casas, pois os barracões menores não possuem essa estrutura. Tal diferença de um para o outro se dá pelas relações políticas que cada barracão tem com os gestores públicos, visto que, primeiramente, é pensado de forma individual, depois, de forma coletiva.

Eu acho assim: que o Laguinho, não é nem crítica, mas pelo ambiente que se formou no Laguinho de facilidade na relação do poder político, talvez por conta disso, diversos nomes do Laguinho acabam tendo notoriedade na relação do marabaixo (Entrevista cedida por Aluísio Carvalho).

Na fala de Aluísio Carvalho, que faz parte do movimento marabaixeiro da Favela, podemos notar que o bairro do Laguinho tem relações políticas mais fortes com o poder público, fazendo seus barracões serem mais estruturados fisicamente e terem uma força política maior.

Outro fator importante para essa dificuldade de criação de políticas públicas são as conexões políticas que cada barracão tem. Cada casa de marabaixo tem um diálogo individual com os agentes políticos, pois cada uma tem uma relação diferente com o Estado, isso se dá por conta de quem administra o Estado. Há casas que têm uma relação melhor com o atual governo, e outras, que têm uma relação melhor com o ex-governo.

O bairro do Laguinho, onde estão os principais barracões, tem um diálogo muito forte com o ex-governo, que era do PSB. Isso ocorre por conta do partido ser um dos primeiros a governar o estado e por ele se estruturar no bairro do Laguinho, tem a facilidade no diálogo e com isso, os barracões do Laguinho conseguiram uma estrutura e um apoio político muito importante.

Capi (ex-governador pelo PSB) ele tem casa no Laguinho, o partido político (PSB) está lá no bairro do Laguinho, então ele tem a relação histórica do Capi: caminha dentro do bairro do Laguinho e depois ele aí nessa época, caminha nos outros setores, Favela e nos outros setores, a UNA está no bairro do Laguinho, o Capi foi aquela pessoa que deu respaldo pra Raimundinha Ramos que estava coordenadora geral da UNA pra construção do centro de cultura negra, o Capi ele deu ênfase pro marabaixo, ele tinha um plano de governo que é o PDSTA (Programa de Desenvolvimento Sustentável do Amapá) acho que era programa ou plano, ele tinha esse programa, então isso tinha como base uma espécie de fortalecimento do homem da terra, era tudo por nossa terra, então fortalecer a base é a formação do estado. (Entrevista cedida por Aluísio Carvalho).

Por conta dos outros barracões não terem conexões políticas firmadas, eles acabam tendo mais dificuldades para se estruturar e conseguir benefícios, como financiamento de suas festas, divulgação de suas casas e outros. Todavia com a entrada de outros governos, como o do PDT, que é o atual governo do estado, podemos perceber que começa uma distribuição mais igualitária de financiamento e reconhecimento entre as casas de marabaixo, porém ainda existe uma diferença entre elas.

Juntando essa individualidade das casas com as conexões políticas que os barracões do bairro do Laguinho têm, formou-se uma certa hegemonia em relação ao marabaixo do bairro do Laguinho sobre o bairro da Favela (Santa Rita), pois enquanto os barracões do Laguinho usufruíam dos contatos políticos, os da Favela sempre ficaram em segundo plano. Com isso, pode-se perceber que existe uma forma de colonização sobre o marabaixo da Favela, a partir do Laguinho.

Nós sempre lutamos por aquilo que a gente quer, por aquilo que a gente acredita e eu vejo que isso da Favela está de algumas décadas pra cá, e aí eles perderam muito lá atrás, eles perderam muito, inclusive com a questão da negritude, essa questão da cultura negra estar muito enraizado lá dentro, eu lembro que quando o centro de cultura negra foi construído, foi uma ciúmeira, eles já até diziam que não vinham dançar marabaixo no Laguinho porque tinha que construir um centro de cultura negra dentro da Favela porque não era só no Laguinho que tinha cultura negra, eles diziam, mas porque foi feito ali? Porque o Laguinho é um bairro de referência, muitos dizem que o Laguinho é o palco da cultura negra no estado do Amapá, mas é porque no Laguinho sempre houve muita resistência (Entrevista cedida por Daniela Ramos).

Na fala de Daniela Ramos, é perceptível esse atrito que acontece entre os dois bairros que são referência do marabaixo do estado, mostrando, assim, essa individualidade e dificultando o bem coletivo, que são mais políticas públicas para todo o movimento marabaixeiro.

Um fator muito importante e um dos principais que dificulta as políticas voltadas para o marabaixo, é a dificuldade de mobilização dos movimentos sociais, em especial, ao movimento negro de assumir o marabaixo como uma de suas pautas principais. Segundo Maciel, o movimento negro do Amapá começa de forma unificada e logo em seguida, divide-se em duas frentes, uma lutando mais por questões culturais e outra lutando por direitos do povo negro (Maciel, 2001). Sendo assim, o movimento negro amapaense já tem em sua história uma fragmentação.

E o marabaixo, que já foi a principal forma de protesto pelos direitos dos negros, fica de forma secundária dentro do movimento negro. O marabaixo, sendo um dos maiores e principais movimentos dentro do estado, deveria ser bandeira de frente para se conseguir políticas públicas para toda a população negra.

O marabaixo é uma cultura de resistência e repito, na época que não existia jornal era o marabaixo o meio utilizado pra comunidade e nós nos expressamos e eu uso ele até hoje. Então, através do marabaixo nós conseguimos o conselho estadual de cultura, o movimento lá atrás, no segmento afro, tinha uma vaga no segmento de cultura e hoje a cadeira do marabaixo tem um espaço dentro do conselho de cultura pra discutir cultura. Através do marabaixo foi criado a SEAFRO, das manifestações foi criado a SEAFRO, eu tô falando de instrumentos, instrumentos criados, lá na UEAP tem a lei das cotas, foi criado lá atrás, através do marabaixo. Então tudo o que é política que tu encontrar por ai, foi através do marabaixo, utilizando o marabaixo como meio de organizar, porque o preto amapaense ele se organiza através do marabaixo pra ter as conquistas, quando ele deixa de se organizar através do marabaixo ele não conquista nada, porque é como se o marabaixo fosse a nossa linguagem universal, é a linguagem que nós, negros amapaenses, nos entendemos é através do marabaixo. (Entrevista cedida por Aluísio Carvalho).

O depoimento de Aluísio mostra que as poucas políticas públicas que existem foram através do movimento marabaixeiro. Um fator importante nessa relação das políticas públicas, é a resistência que o Estado tem de debater essas políticas, já pensando que esse Estado é colonizador e não irá pensar ou debater políticas que fazem com que os subalternizados tenham protagonismo. O Estado, quando pensa uma lei em relação ao marabaixo, que é um subalternizado, é sempre do que ele acha correto, ou através de muita resistência do subalterno.

Como é que a gente identifica o racismo dentro do parlamento? Exatamente quando as pautas que tentam passar pra mudar essa realidade do preconceito racial, ela não passa, de alguma forma, ela fica à política de reserva de vagas em concurso público nós conseguimos aprovar na assembleia, mas não conseguimos aprovar no estado e a maioria dos estados já tem, então o governador vetou essa proposta e eu já tinha tido essa dificuldade de fazê-la tramitar aqui, pedi apoio na época da Dra. Piedade Videira pra vim aqui fazer uma fala mais acadêmica, baseada nos estudos científicos pra gente tramitar aqui dentro da casa que, na época, ela estava à frente do NEAB, e ela veio, conversou, dialogou e nós conseguimos encaminhar o projeto aqui, mas quando bateu na Procuradoria Geral do Estado do Amapá, ele não passou, entendeu? Então nós encontramos essas dificuldades aqui dentro (Entrevista com a deputada Cristina Almeida).

Um dos grandes fatores que descaracteriza o marabaixo da africanidade é o distanciamento com a África. Pelo fato dele ser moldado a partir da visão colonialista do Estado, perderam-se muitas características

africanas e incorporaram-se características eurocêntricas, contudo isso ocorreu para que o marabaixo pudesse ser aceito - um processo como o já explicado por Fanon (1983).

Uma das características mais evidente em relação a esse aspecto é a questão religiosa, já que o marabaixo se apresenta como católico, mesmo sendo um catolicismo popular, ainda é uma religião eurocêntrica. Por conta do colonialismo, houve um afastamento entre as religiões de matriz africana e o marabaixo.

O marabaixo tem um contexto afrorreligioso: o afro, por termos essa questão da cultura do tambor da tradição negra mesmo e essa parte religiosa, que vai se misturar aí entre o catolicismo e um pouco ali, que se a gente observar um pouco mais adentro, a questão da matriz africana. No meu ponto de vista, o marabaixo, o palácio da festa, é um festejo extremamente religioso, porque você não vai a nenhum marabaixo por aí que não seja em homenagem a algum santo da igreja, um santo de devoção da família, então sempre que você for em alguma festa de marabaixo por aí é em homenagem a algum santo, é São José, é São Sebastião. (Entrevista cedida por Fabio Sacaca).

Com essa descaracterização e afastamento da África, as políticas públicas construídas são feitas para que o colonialismo eurocêntrico do Estado permaneça.

Considerações Finais

Concluimos que o Marabaixo foi subalternizado por um Estado que reproduz o eurocentrismo e a matriz colonial de poder. Por meio do pensamento decolonial, foi possível analisar o Marabaixo a partir das suas raízes e a partir da visão de seus praticantes.

Através da pesquisa feita, podemos concluir que o Marabaixo define-se por práticas afrodescendentes e por uma estética diaspórica (HALL, 2002). É nítido que existe uma individualidade das casas de Marabaixo, o que retira um pouco da força política necessária na construção de políticas públicas. O catolicismo popular faz parte do Marabaixo como expressão cultural afrodiaspórica. Mesmo sendo uma cultura afrorreligiosa, seus praticantes se consideram católicos – não obstante pratiquem o catolicismo popular, e não o catolicismo institucional.

A deslegitimação e depreciação são fortes contra o Marabaixo, devido ao racismo religioso. Os estereótipos são lançados com frequência. O marabaixo é resistência, é uma cultura centenária, que através do tempo vai resistindo e se reinventando.

Os marabaixeiros demandam um olhar mais global do Estado em relação ao Marabaixo: demandam políticas públicas para que o Marabaixo seja inserido nas questões econômicas, como a comercialização de gengibirra, a fabricação de roupas, lojas com vendas de objetos do marabaixo, como os instrumentos e outros, por exemplo. Outra forma de investimento é a questão turística, como um roteiro turístico voltado para o marabaixo, e assim atraindo turistas a conhecer a cultura amapaense. Uma política muito demandada é a inclusão do marabaixo na política educacional, isto é, ele ser incluído no currículo escolar.

Referências

- BEZERRA, Moisés de Jesus Prazeres dos Santos et al. "Se eu não fizer o bem, o mal não faço!": as práticas culturais/religiosas afroindígenas do quilombo do Curiaú e o currículo de ensino religioso da Escola Estadual Quilombola José Bonifácio, 2019.
- CANTO, Fernando. A água benta e o diabo. Macapá: Fundação de Cultura do Estado do Amapá (Fundecap), 1998.
- CALDAS, Yurgel Pantoja; MACIEL, Kerllyo Barbosa; ANDRADE, Estrela Veg Cruz. Marabaixo: identidade e cultura de resistência. *identidade!*, v. 23, n. 1, p. 26-43, 2018.
- CUNHA, Henrique Junior. Bairros Negros: a forma urbana das Populações Negras no Brasil. *Revista da ABPN* • v. 11, Ed. Especial - Caderno Temático: Raça Negra e Educação 30 anos depois: e agora, do que mais precisamos falar? • abril de 2019, p.65-8.
- DE FREITAS REIS, Marcos Vinicius; MACIEL, Kerllyo Barbosa; PEREIRA, Marcos Paulo Torres. LADRÕES DE MARABAIXO EM MACAPÁ: IDENTIDADE CULTURAL, PODER, HISTÓRIA, MEMÓRIA E RELIGIOSIDADE NA AMAZÔNIA AMAPAENSE. *Revista Caminhos-Revista de Ciências da Religião*, v. 19, n. 1, p. 11-28, 2021.
- FANON, Frantz. Peles negras, máscaras brancas. Rio de Janeiro: Fator, 1983.
- FERRET, Sérgio. Repensando o sincretismo, 2º ed. Editora EDUSP, 2013.
- GALVÃO, Eduardo. Santos e visagem: um estudo da vida religiosa de Ita, Amazônia, 1955. Editora nacional, 1955.
- HALL, Stuart. Da diáspora – identidades e mediações. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002
- HALL, Stuart. Identidades culturais na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.
- LIMA, Wanda Maria da Silva Ferreira. O ciclo do Marabaixo: permanências e inovações de uma festa cultural. 2011. 131 f. Dissertação (Mestrado em Educação, Arte e História) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2011.
- LUNA, Verônica Xavier. Entre o Porteau e o Volante: africanos redesenhando a Vila de São José de Macapá – 1840-1856. Teresina, Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Piauí, 2009.
- LOBATO, Sidney da Silva. A cidade dos trabalhadores: insegurança estrutural e táticas de sobrevivência em Macapá (1944-1964). São Paulo, Tese (Doutorado). USP, 2013.
- MACIEL, Alexsara de Souza. "Conversa amarra preto": a trajetória histórica da União dos Negros do Amapá: 1986-2000." (2001).
- MAUES, R. H. Um aspecto da diversidade cultural do caboclo amazônico: a religião. *Estud. av.* v.19, n.53, p. 259-274. 2005.
- SAID, Edward. Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. Identidade e diferença: impertinências. In: *Educação e Sociedade*. Campinas, n.º 79, ago., 2002. p. 65-66.
- SPIVAK, Gayatri. Pode um subalterno falar?. Ed 1º. Editora UFMG, 2018.
- VIDEIRA, Piedade Lino. Batuques, folias e ladainhas: a cultura do quilombo do Curiaú em Macapá e sua educação, 2010.
- VIDEIRA, Piedade Lino. Dança do Marabaixo: cultura Afroamapaense em evidência. In: Congresso Nacional da Federação de Arte e Educadores do Brasil, 18.; Congresso Latinoamericano e Caribenho de Arte Educação; Encontro Nacional de Arte Educação, Cultura e Cidadania, 1., 27-30 nov. 2008, Crato (CE). *Anais... Crato (CE)*: Ed. EdURCA, 2008. Tema: Arte/Educação contemporânea: narrativas do ensinar e aprender artes.

Submissão: 20/08/2021

Aceite: 07/01/2022